



John Rockwell Smith e a nova identidade religiosa no Recife do século XIX: De lampejos à fixação do presbiterianismo na Veneza Brasileira. (1873-1899)

Rafaelle Cristine Custódia da Silva¹

Ao iniciar-se o século XIX, não havia no Brasil vestígio de Protestantismo. Os indivíduos de religião protestante que por aqui passaram não deixaram traço no sistema religioso da sociedade. A vinda da família real para o Brasil foi o fator determinante para a entrada, permissão e principalmente a fixação e proliferação dos grupos protestantes.

Porém, antes que houvesse protestantismo brasileiro, próceres políticos criaram condições para sua aceitação, modelando um sistema jurídico que os protestantes pudessem considerar satisfatório. E eis um mecanismo bem aproveitado pelos protestantes, o benefício de leis que os protegiam e validavam a sua identidade religiosa.

O presente artigo visa examinar algumas estratégias e os mecanismos usados pelos presbiterianos, através da figura do Reverendo John Rockwell Smith, em sua chegada em 1873 até a fundação do seu seminário, sendo o marco de validação de sua fixação na província pernambucana.

1. O Brasil oitocentista: permissão e implantação das Igrejas Protestantes no século XIX.

Entre 1759 e 1855 diversos eventos e fatores constituíram um quadro pouco favorável à Igreja Católica². A modificação política ocorrida com a presença de D. João VI, principalmente por causa da dependência portuguesa em relação à Inglaterra e expressa no ato de abertura dos

¹ Mestranda em História Social da Cultura Regional – UFRPE. E-mail: raffacustodia@yahoo.com.br

² Como a suspensão das relações diplomáticas com o Vaticano (1759-1808); as influências jansenistas vindas da Europa; a escassez de bispos, e estes, na maioria, ocupados com assuntos temporais; o clero moralmente desprestigiado e a proibição de entrada de noviços nas ordens religiosas (1855) (MENDONÇA, 2002).



portos “às nações amigas”, deram aos protestantes anglo-saxões permissão para entrar e realizar seus cultos, embora de maneira restrita.

O Tratado de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrado com a Inglaterra em 1810, criou um impasse com a hegemonia católica, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução do Tratado e, conseqüentemente, dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra. Os protestantes chegaram, espalharam suas bíblias e praticaram seu culto dentro de normas legais, porém restritivas. Restritiva na questão da propaganda religiosa e formas arquitetônicas de seus lugares de serviço religioso³. Assim, até 1824, ingleses, alemães, suecos e americanos chegavam e praticavam sua religião conforme a situação lhes permitia.

Além dos tratados comerciais o contexto econômico também contribuiu para a inserção do protestantismo. Esgotadas estavam as minas, tanto de ouro quanto de diamantes, restando como propulsor da economia à produção agroexportadora. A empresa agrícola de braço escravo estava próximo do fim, pois já se anunciava o estancamento das fontes de trabalhadores africanos.

A Europa fornecia emigrantes, e estes poderiam substituir os escravos, na lavoura. Contudo, as maiores reservas de “braço livre” estavam em nações onde havia protestantes e católicos. E, nessas nações, o interesse pela situação religiosa dos acatólicos no Brasil já prenunciava dificuldades na obtenção de trabalhadores. Ao menos que, prevenindo em tempo, o império tratasse de modelar o sistema jurídico ao interesse do protestante⁴.

³ O Tratado de 1810 permitia aos súditos britânicos liberdade religiosa “dentro de suas capelas e igrejas” desde que elas não tivessem formas diferentes de casas de habitação, respeitassem a Igreja Católica e não fizessem prosélitos.

⁴ O Art. 5.º da Constituição de 1824: (...) Os protestantes são nivelados com “todas as outras religiões”, nas restrições (...): sua religião será “permitida”, seu culto será apenas “doméstico particular” (o que não o limitará às residências dos fiéis, pois terão casas destinadas para o culto, às quais não poderão dar aparência exterior de templos). (RIBEIRO, 1973, p 32).



Assim, nos limites da tolerância a cultos não-católicos estabelecida pela Constituição de 1824, instalaram-se no Brasil anglicanos, episcopais (anglicanos norte-americanos) e, em número muito maior, luteranos. Mas a população brasileira notou a presença dos protestantes quando começaram a chegar ao Brasil, nos anos de 1850, os primeiros missionários que vieram com a finalidade de propagar sua fé. Esse segundo impulso responde pela inserção no país do chamado de “protestantismo missionário” (o primeiro impulso, o “protestantismo de imigração”, decorreu da abertura dos portos de 1810 e do incentivo governamental à imigração europeia). Através deles instalaram-se no Brasil a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, e a Episcopal.

2. A importância estratégica de Recife como ponto radiador do presbiterianismo no Nordeste.

A história da introdução e estabelecimento do protestantismo no Brasil testou a tolerância constitucional. Embora assegurasse de acatólicos na vida nacional, diante a constituição, as ações missionárias foram discretas e pontuais até meados da década de 1850. Até o período já considerado, o protestantismo no Brasil era constituído quase que unicamente de estrangeiros, havia poucos brasileiros convertidos. Em uma carta escrita pelo Reverendo Ashbel Simonton, pastor presbiteriano que desembarcara no Rio de Janeiro em 1859 (MENDONÇA, 1984, p.24), relatava a preocupação do Dr. Kalley⁵, (que estava, precisamente nessa época, ameaçado de expulsão) com o entusiasmo e determinação do pastor recém-chegado, e como seu ímpeto poderia lhe trazer alguns problemas.

Em Recife a situação não era diferente. O missionário americano

⁵ Robert Reid Kalley, médico escocês que chega ao Rio de Janeiro em 1855, fugindo de violenta perseguição religiosa na Ilha da Madeira, reúne em torno de si alguns correligionários também fugidos da perseguição e começa atividade proselitista em português. Em 1858, organiza a igreja evangélica congregacional com um pequeno número de prosélitos brasileiros, além dos madeirenses. (MENDONÇA, 1984, p.24).



metodista Daniel P. Kidder, que visitou Pernambuco em 1839, escreveu que se tinham distribuído Bíblias e Novos Testamentos naquela província desde 1823. O vigário da Igreja Anglicana do Recife, o Reverendo Charles Adye Austin⁶, trouxera Bíblias e Novos Testamentos a cidade, para venda e distribuição gratuita. À época da visita de Kidder, Adye Austin tinha feito amizade com um padre católico que por final se converteu ao protestantismo, mas permaneceu na Igreja Católica.

A correspondência do metodista contém uma carta desse padre chamado Antônio José de Sousa, na qual conta a Kidder de seus esforços para distribuir bíblias sob muita perseguição e oposição por parte de seus colegas sacerdotes. Sobre esta situação, David Gueiros Vieira (1980, p.316) descreve:

Lopes Gama, num estilo de jornalismo típico do século XIX, advertiu o “Padre Protestante” a pôr um ponto final na sua catequese herética, porque fosse ele o bispo, atiraria “o padre distribuidor de panfletos num convento, no mínimo por um ano, a fim de que aprendesse a doutrina católica”.

Entre a partida de Kidder (1840) e a chegada de Robert Corfield (1858), primeiro agente oficial da Sociedade Bíblica Britânica no Brasil, houve uma extensa distribuição de Bíblia em Pernambuco. Foi tão extensa e agressiva a campanha de venda de Bíblias, que induziu o Deão Francisco de Faria, Vigário Capitular da Sé de Olinda, a expedir uma carta circular a todos os vigários da Sé, em 14 de outubro de 1865. Queixava-se o Deão Faria de que os vendedores de Bíblias estavam “pervertendo a fé católica, corrompendo a moral evangélica, insultando a religião do Estado e minando os alicerces da sociedade” (VIEIRA, 1980, p.317).

2.1. A chegada do protestantismo missionário dos presbiterianos na Província de Pernambuco.

⁶ O Reverendo Adye Austin foi nomeado capelão para o Recife, em 22 de janeiro de 1835, pelo Duke de Wellington, então secretário de Assuntos Estrangeiros do Gabinete de Sir Robert Peel (1834-35). Era conhecido como “o padre inglês”, e a rua onde morou, por 29 anos, veio a ser chamada “rua do Padre Inglês”. (VIEIRA, 1980, p. 316).



No Recife da década de 1870, de ruas estreitas, tortuosas e lamacentas pelas rodas das carruagens dos proprietários rurais e senhores de escravos. O assunto mais falado era a questão religiosa, conflito do Bispo de D. Vital, de Olinda, contra a maçonaria naqueles tempos de império, quando a Igreja e o Estado não haviam ainda separado. Os principais embates e acusações ocorriam nos jornais, de ambos os segmentos, além de jornais liberais e republicanos.

O conflito religioso em Pernambuco no século XIX.

A chegada de D. Vital a Pernambuco se deu no período em que as duas Grandes Lojas Maçônicas concordaram em unir suas forças contra o ultramontanismo⁷. Essa campanha, dirigida por Saldanha Marinho, resultara na fundação de diversos jornais maçônicos por todo país. Duas publicações foram estabelecidas no Recife em 1872, *A Família Universal*, editada por Manuel Ribeiro Barreto de Menezes, apresentando-se como “órgão da Sociedade Universal dos Maçons”. *A Verdade*, editado por Dr. João Franklin da Silveira Távora, chamando-se um “Seminário consagrado à causa da humanidade” (MENDONÇA, 1980, p. 327). Em resposta fundou *A União*, editado pelo Dr. José Soriano de Sousa, que se declarou defensor da “única religião verdadeira”.

No início do ano de 1873 atraca no porto da capital o vapor Ontário, vindo dos Estados Unidos, trazendo o Reverendo presbiteriano John Rockwell Smith. Ao escrever, no dia 31 de janeiro do mesmo ano, para a missão que o enviou, o Rev. Smith relata sobre o conflito religioso entre o bispo D. Vital e os maçons:

Exatamente neste momento o bispo, um moço de 26 ou 27 anos, está em discussão com os maçons. Essa discussão vem ocorrendo há alguns meses, e torna-se calorosa. Resulta da tentativa de colocar em prática a Bula Papal – excomungando todos os maçons. Neste Império existem muitos maçons, de

⁷ O Ultramontanismo (latim Ultramontanus = Para além das Montanhas) representou, na História da Igreja Católica, uma reação contra as transformações que o mundo ocidental vivenciou desde o século XVI até consolidação dos fundamentos do Estado Democrático e Laico do século XIX. O documento que expõe a mentalidade do Catolicismo do século XIX, o Silabo de Erros (1864), ratifica a infalibilidade papal apresentando-se contra o modernismo, a maçonaria, o protestantismo e o estado laico.



todas as classes sociais. Nenhuma Bula Papal entra em vigor aqui até que seja sancionada pelo Imperador, e esta não foi. Esse é o primeiro bispo do Império a tenta colocá-la em prática. As irmandades de uma ou duas das igrejas dispensaram seus padres e cobriram seus altares.⁸

Até o momento, o embate religioso em destaque era entre a Igreja Católica e maçonaria, pois os protestantes presentes na sociedade pernambucana ainda não expressavam sua fé e práticas religiosas em locais para tal destino. A presença protestante se tornaria mais perceptível no início de março do mesmo ano, quando o subdelegado do distrito de São José, juntamente com outros policiais, invadiu uma casa de culto⁹, dispersando os fieis e os proibiu de se reunirem outra vez. O Sr. Viana não desejando provocar as autoridades, suspendeu os serviços imediatamente. Ao mesmo tempo apelou ao chefe de polícia para que anulasse a ordem do subdelegado, porém sua petição foi negada. Viana teve que apelar ao presidente da província, Henrique Ferreira de Lucena (Barão de Lucena)¹⁰.

É diante desse contexto que o Rev. Smith vai iniciar os trabalhos da Igreja Presbiteriana na cidade. Ciente que a tolerância religiosa garantida por lei, na prática era bem diferente. Ele estava presente na reunião que foi invadida pela polícia, e por esse motivo, ele procurou se precaver de possíveis infortúnios na mesma questão. Em pouco tempo aprendeu certo grau de conhecimento de como lidar com a intolerância religiosa. Uma das primeiras ações foi conseguir uma casa para estabelecer uma igreja no distrito de Santo Antônio, no centro da cidade. A casa não era habitada por nenhum deles e era chamada “uma igreja”. Esta separação entre a igreja e o lar foi feita por conselho do Sr. Viana, segundo a teoria constitucional do Barão de Lucena, que proibira reuniões na casa Do Sr. Viana por ser uma habitação particular e por

⁸ Jornal Brasil Presbiteriano ANO XVIII - Nº 3 - 1º DE FEVEREIRO DE 1978

⁹ A casa de culto invadida fora uma Igreja Congregacional, estabelecida no Recife por vendedores de Bíblias madeirenses. O responsável por esta igreja era o Sr. Manuel José da Silva Viana, membro da Igreja Fluminense (Congregacional) dirigida pelo Dr. Kalley. Ele fora enviado a Pernambuco para vender Bíblias e posteriormente fixou residência em Recife para abertura desta igreja.

¹⁰ *The Missionary*, Columbia, S.C., junho de 1873. In: VIEIRA, O Protestantismo, A Maçonaria ..., p. 336



essa razão não condizia com a definição constitucional de um local de culto acatólico.

Uma segunda ação foi a visita do Rev. Smith ao Barão de Lucena. Foi apresentado ao presidente pelo membro do quadro de funcionários do Palácio que era seu professor de português e que lhe serviu de intérprete. Lucena concordou que Smith tinha o direito de pregar em português, dentro de casa, e exercer suas funções de pastor¹¹, de ensinar em escolas, vender ou distribuir bíblias e livros¹². O trabalho protestante aberto no Recife continuou quietamente sem causar grandes perturbações na vida da cidade. O exemplo disto, o trabalho protestante, de realizada de forma oculta pelo jornal *O Verdadeiro Católico*¹³, trazia em seus textos a discursão da questão religiosa e a campanha para a separação da Igreja e do Estado. Eventualmente, em 1875, o Rev. Smith inicia seu próprio jornal, chamado *Salvação de Graça*. Foi a primeira publicação no norte do Brasil a declara-se protestante, era exclusivamente doutrinário, era impresso em Lisboa e distribuído no Recife.

O tempo caminha, e no Recife de 1878, muitas coisas aconteceram desde a chegada do Rev. Smith. A cidade cresceu, novas pontes foram construídas, a iluminação pública foi ampliada, várias ruas principais foram calçadas. A província tinha outro presidente. A luta de D. Vital e do Bispo do Pará contra a maçonaria terminara, pois o Poder Moderador, exercido pelo Imperador D. Pedro II, mandara recolher à prisão os dois representantes da Igreja Católica, acusados do crime de fazerem cumprir uma bula papal que mandava excomungar os maçons, sem autorização do Imperador. O Rev. Smith fala o português

¹¹ Também chamado de ministro do evangelho, algumas de suas atribuições na igreja protestante é realizar cultos, pregar o evangelho, promover o batismo de fieis e ensinar a doutrina cristã.

¹² Jornal Brasil Presbiteriano ANO XVIII - Nº 7 - 1º DE ABRIL DE 1978.

¹³ Jornal protestante de 1873, que tinha como redator Ciríaco Antônio dos Santos e Silva. *O Verdadeiro Católico* era uma publicação dedicada aos assuntos da Questão Religiosa em Pernambuco, mas os discutia com maior moderação do que o faziam os outros jornais. Seu temo principal era a separação da Igreja e do Estado, que considerava a única solução para a crise político-religiosa da época.



corretamente, fizera muitos amigos em todas as camadas sociais e vinha regularmente pregando em vários pontos da cidade, principalmente na rua do Imperador nº 71. Ele se tornara também professor de inglês de alguns filhos de políticos e proprietários importantes na vida da província.

Mas, apesar disso, quando expunha as escrituras era geralmente vaiado e insultado, juntamente com os 12 convertidos (porque, nos últimos cinco anos, Smith conseguira converter 12 pessoas ao protestantismo). Ele soubera aproveitar o momento favorável – resultado do conflito religioso entre a Igreja Católica e a Maçonaria, quando vários templos foram fechados, em vista de os respectivos vigários maçons terem sido suspensos por ordem de D. Vital. Neste mesmo ano, o Rev. Smith organiza a Igreja do Recife. Este momento é descrito nos Annaes da Igreja Presbiteriana:

Eram doze os membros fundadores, “sendo onze batizados na ocasião (...). Foram também batizados quatro menores. Deu-se a organização no sobrado da rua do Imperador nº 71, onde funcionou a igreja por muitos anos até à construção do templo atual na rua da Concórdia.” (FERREIRA, 1992, p. 183)

Após a formação da Igreja no ano de 1878, Recife torna-se centro de apoio, adaptação e treinamento para aqueles que desejassem trabalhar na região. Alguns pastores que fundaram igrejas pela Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão, Sergipe e Alagoas, tiveram contato com o Rev. Smith no Recife. Exceto o caso da Bahia que fora com outro presbiteriano chamado Schneider, que irá desenvolver o protestantismo naquela localidade.

A mensagem protestante no Recife, mesmo com as pressões por parte dos católicos, estava sendo assimilada, pois a Igreja Presbiteriana se firmava e suas atas registram seu leve crescimento, como no caso de 1884, existiam dois postos de pregação (além do próprio templo na Rua do Imperador), um localizado na Rua do Rosário e outro na Rua Imperial, possuíam 44 membros adultos e 22 menores. Em 1887, estava tendo sua primeira turma de ministros protestantes ordenados no norte, entre eles, três que participaram da fundação da Igreja: Belmiro César, João



Batista de Lima e José Francisco Primenio da Silva. Este último chegou a pastorear a Igreja que ajudou a fundar, assumiu o cargo interinamente, enquanto o Rev. George W. Buttler não chegava para assumir, já que seu fundador estava de partida para Nova Friburgo, convidado para ser professor no seminário.

Antes de partir, o Rev. Smith participa das decisões do Sínodo¹⁴, após esta reunião ele organiza o Presbitério¹⁵ de Pernambuco e elege a diretoria da Escola Teológica em Garanhuns, professores e candidatos ao ministério pastoral.

3. A protestantização no campo religioso pernambucano.

O termo protestantização foi usado pelo professor Dr. Lyndon Araújo em seu texto “o protestantismo no advento da República no Brasil: Discursos, estratégias e conflitos”. Para ele, a protestantização é resultado das formas de inserção e adaptação que o protestantismo criou, estabelecendo assim uma identidade religiosa própria, compreendendo o seu início na república indo até os dias atuais.

No começo do século XIX, a hegemonia comercial inglesa começava perder espaço para a expansão norte-americana. A admiração para os modelos de sociedade europeia proporcionou a abertura para o mundo anglo-saxão. Os tratados assinados, entre a coroa portuguesa e a inglesa, significaram a abertura para o mundo protestante. Entretanto, pode-se fazer a mesma indagação tida por Antônio Mendonça em seu livro *Introdução ao Protestantismo no Brasil*: “Mas por que a expansão protestante no Brasil deu-se por intermédio dos norte-americanos, e não por ingleses, que tiveram a primeira grande oportunidade?” (MENDONÇA, 2002, p.73). A sua resposta para tal pergunta deixa clara as reais intenções dessas duas nações.

¹⁴ Assembleia de eclesiásticos convocados por ordem do seu prelado ou de outro superior.

¹⁵ Nos primórdios do cristianismo, conselho episcopal, constituído pelos diáconos e presbíteros residentes na sede da catedral.



Sobre o protestantismo: a visão de dentro para fora e de fora para dentro.

Para Mendonça, os ingleses estavam interessados em ampliar o mercado de seus produtos, sendo sua prática religiosa meramente um dos componentes de seu *ethos* cultural, e não tinham como objetivo compartilhar sua religião com a nova sociedade.

Com a chegada da República, e constitucionalmente foi estabelecido o Estado laico, houve um vácuo religioso, onde se buscava uma religião civil aberta para a modernidade, e ao mesmo tempo, a Igreja Católica voltava-se para si mesma no intento de reforçar-se institucionalmente, se firmando no conservadorismo. O protestantismo aproveitou o espaço existente entre esses polos para se firmar como proposta religiosa.

A elite liberal brasileira não estava interessada na religião, apenas na educação proposta pelos protestantes. Vale citar que, embora o sistema educacional fosse o principal interesse, a religião seria uma consequência direta nessa relação. Um sem o outro não seria possível.

Se a elite buscava a educação protestante sem a religião, a evangelização voltou-se para a massa pobre. Isso aconteceu não por estratégia missionária, mas por força da estrutura e ideologia a sociedade brasileira do século XIX. Na perspectiva de Mendonça, essa massa pobre, aderiu à religião e apropriou-se do discurso da ética reformada. No caso da elite, esta assumiu o discurso capitalista, porém não a religião (MENDONÇA, 2002, p.75).

Um fato importante que contribuiu para a expansão do protestantismo, e no caso o presbiterianismo, foi a relação conflituosa entre o Estado e a Igreja. O conceito de igreja era bem diferente entre católicos e protestantes. O protestantismo chegava de forma mais maciça na província de Pernambuco a partir da década 1870, com suas diversas denominações, mesmo aparentando uma unidade de fé, na realidade apresentavam características de concorrência.



Congregacionais, presbiterianos, batistas, metodistas e anglicanos, em duas décadas havia um leque de opção doutrinária.

Outro ponto que se deve observar é o individualismo da fé protestante. A visão que foi trazida pelos missionários norte-americanos mostrava que a religião protestante repousa na fé, nas práticas individuais e independentes de cada fiel. O núcleo da mensagem do protestantismo missionário era a conversão do indivíduo de sua vida pecaminosa à uma nova seguindo a Jesus Cristo, ou seja, o seu modo de vida passado é trocado por um baseado em uma nova ética. Sobre o *ser protestante*, o professor Lyndon (LYNDON, 2010) faz a seguinte observação:

“Os modos de ser ou o habitus evangélico foram sendo incorporados por seus adeptos através de instrumentos e mecanismo que obedeceram a certas linhas de força comuns as diferentes expressões eclesiais ou denominações. Em outras palavras, uma série de ideais, ações, discursos, sentimentos e práticas formataram costumes, gestos, posturas, subjetividades e visões de mundo que estruturaram um modo de ser evangélico ou protestante no Brasil.”

O modo de ser protestante no Brasil do oitocentista era ensinado através da pregação nos púlpitos das igrejas, como também através de sua literatura, ou melhor, de sua imprensa. Os jornais protestantes eram os principais meios de disseminação e instrução doutrinária. Em Pernambuco, o Rev. Smith fundou dois jornais para tal finalidade: *A Salvação de Graça* (impresso em Lisboa e publicado em Recife) e o *Norte Evangélico*, antes chamado de *O Século*, passou a ser produzido em Garanhuns.

Considerações finais

O protestantismo brasileiro hoje é um reflexo do que foi construído no decorrer de sua história do Brasil. Entretanto, será o século XIX que um conjunto de fatores deu acessibilidade e permissão, não só de existência, como também de fixação. A vinda da família real portuguesa para o Brasil foi o divisor de águas no campo o religioso. Os tratados assinados devido a abertura dos portos, no decorrer o tempo, contribuíram para uma oficial, porém discreta tolerância religiosa. As



religiões cristãs e não-cristãs podiam realizar suas manifestações em um contexto de limitação.

Ao observar a breve história do protestantismo descrita acima, não se permite abarcar situações e contextos mais detalhados que favoreceram e/ou contribuíram para a entrada dos protestantes no Brasil, conhecendo as principais ramificações presentes no território. O período imperial proporcionou uma conjuntura favorável a inserção do protestantismo no Brasil, em uma sociedade marcada por práticas religiosas, costumes e tradições. Porém foi na República que surge o protestantismo brasileiro, adaptado a realidade da cultura nacional.

O presbiterianismo, uma das denominações que chegaram ao Brasil na segunda metade do século XIX, soube utilizar de mecanismos que permitiram sua fixação. A imprensa desenvolvida pelo Rev. Smith, no Recife, era seu principal suporte em propagar a sua fé e doutrina. E através desses textos doutrinários, ele buscava desenvolver o “ser protestante”, suas ideias, práticas e ações. O modo de ser protestante foi sendo incorporado pelos seus adeptos.

Entretanto é importante entender que o presbiterianismo encontrou seu espaço em um período de secularização e pluralismo religioso. Seja como for, o fato é que a estratégia teve êxito. Através de suas pregações e de seus escritos, marcados pela polêmica religiosa, os presbiterianos e outros grupos conseguiram um número de adeptos, provenientes, em alguns casos, do catolicismo.

Referências

CÉSAR, Elben M. L. História da evangelização do Brasil: dos jesuítas ao neopentecostais. Belo Horizonte: Ultimato, 2000.

FERREIRA, Júlio A. História da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1959.

_____. Galeria evangélica: bibliografia de pastores presbiterianos que trabalharam no Brasil. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1952.



LÉONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 2002.

LESSA, Vicente T. Annaes da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo, 1863-1903: subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro. São Paulo: 1938.

MATOS, Alderi S. Eventos Marcantes da História do Cristianismo no Brasil. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2000.

_____. **Os Pioneiros: Presbiterianos do Brasil (1859-1900): Missionários, Pastores e Leigos do Século 19. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004.**

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. **FILHO, Prócoro Velásquez. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo, Ed. Loyola, 2002.**

RIBEIRO, Boanerges. Protestantismo no Brasil monárquico (1822-1888): aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo: Pioneira, 1973.

_____. **Protestantismo e cultura brasileira. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 1981.**

SANTOS, Lyndon de A. As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira. São Luís: ABHR, 2006.

SETTE, Mário. Arruar – História pitoresca do Recife antigo. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1953.

SOARES, Caleb. 150 anos de paixão missionária. O presbiterianismo no Brasil. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, 2009.

VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.